

OCUPAÇÃO HUMANA E A PROBABILIDADE DA PRESENÇA SE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO TIPO SAMBAQUI NO LITORAL DA PARAÍBA

Silvana Moreira Neves¹, Marianna Moreira Neves²

RESUMO

As zonas costeiras são ambientes propícios ao assentamento humano pré-histórico, segundo alguns autores, por apresentarem ecossistemas favoráveis à captação de recursos tais como: alimento, água doce e produção de artefatos. E a escolha do local a ser ocupado tinha por base tradições culturais e o nível tecnológico de cada grupo. Através de trabalhos desenvolvidos por vários pesquisadores, há cerca de 6 mil anos A.P, a costa brasileira era ocupada por pescadores, caçadores e coletores. E a maior evidência deste fato são os sítios arqueológicos, os sambaquis, deixados por estes grupos. O objetivo deste trabalho é tentar, com base nas características dos pescadores, caçadores e coletores obtidos na literatura, identificar as áreas favoráveis ao assentamento destas populações no litoral da Paraíba, tendo como ponto principal a captação de recursos tais como: alimentos, água doce e matéria prima para a confecção de artefatos. O objetivo específico é mapear as áreas com probabilidade de serem encontrados sítios arqueológicos do tipo sambaqui.

Palavras-Chave: Sambaqui; Paraíba; nível relativo do mar;

ABSTRACT

The coastal zones are surrounding propitious to the prehistoric human nesting, according to some authors, for will present ecosystems favorable to the captation of resources such as: food, water candy and production of devices. E the choice of the place to be busy had for base cultural traditions and the technological level of each group. Through works developed for some researchers, it has about 6 a thousand years A.P, the Brazilian coast was busy for fishing, hunters and collectors. E the biggest evidence of this fact is the archaeological small farms, the sambaquis, left for these groups. The objective of this work is to try, on the basis of the characteristics of the fishing, hunters and collectors gotten in literature, to identify the areas favorable to the nesting of these populations in the Paraíba coast, having as main point the captation of resources such as: foods, water candy and substance cousin for the confection of devices. The specific objective is to mapear the areas with probability to be joined archaeological small farms of the type sambaqui.

Keywords: Shellmound, Paraíba, relative sea level

INTRODUÇÃO

As zonas costeiras são ambientes propícios ao assentamento humano pré-histórico, segundo alguns autores, por apresentarem ecossistemas favoráveis à captação de recursos tais como: alimento, água doce e produção de artefatos. E a escolha do local a ser ocupado tinha por base tradições culturais e o nível tecnológico de cada grupo.

Através de trabalhos desenvolvidos por vários pesquisadores, há cerca de 6 mil anos A.P, a costa brasileira era ocupada por pescadores, caçadores e coletores. E a maior evidência deste fato são os sítios arqueológicos, os sambaquis, deixados por estes grupos.

¹ Universidade Federal de Pernambuco, silvana.moreira@pq.cnpq.br

² Universidade Federal da Paraíba, marianna_jp@hotmail.com

Os sambaquis, segundo Figuti (1993), são um tipo de sítio arqueológico pré-histórico freqüente ao longo da costa sudeste brasileira, construídos entre 7000 a 1000 anos A.P e que indicam grupos humanos muito adaptados às condições locais.

Segundo Figuti (1993), quatro fatores teriam favorecido o estabelecimento do Homem no litoral no final do Pleistoceno, cerca de 10.000 anos atrás: a) Mudanças climáticas; b) Aumento da densidade demográfica humana; c) Extinção de megafauna e redução das grandes manadas; d) Elevação do nível marinho e estabilização das planícies costeiras.

Ainda segundo este autor, há cerca de 7000 anos AP a ocupação da costa é um evento global e a presença de sítios semelhantes aos sambaquis é um traço comum.

Os sambaquis possuem dimensões variadas e os sedimentos que os formam apresentam mais de 80% de conchas e moluscos bivalves em sua composição (Garcia, 1972)

Segundo Gaspar (1991;1992 a), *“os sambaquis são sítios localizados à beira de grandes corpos de água como mar, lagoa, baía e rio e que se caracterizam pela construção de uma plataforma que se destaca na paisagem”*.

Segundo Gaspar (1994;1995), as características a seguir são os traços fundamentais aos sambaquis: a) reunir restos de alimentos; b) que a maioria destes restos seja de carapaças de moluscos; c) que estes restos acumulados formem, paulatinamente, plataforma que se destaca na paisagem; d) que esteja implantado em pontos próximos a grandes corpos de água (mar, rio, lagoa); e) que os artefatos que compõem a indústria indiquem cadeias de atividades que caracterizem o espaço doméstico; f) que ocorra a presença de restos humanos referentes a ambos os sexos e diferentes idades; g) que este conjunto de características sejam exclusivas ao sistema em estudo.

Segundo Gaspar (1996) *“...as áreas onde ocorrem enseadas, os cantos das praias, exerceram uma forte atração para a implantação dos sítios. Esta escolha parece estar relacionada com a própria tecnologia da pesca. Esses recantos sempre apresentam elevações que permitem observar a entrada de peixe e, em decorrência da geografia local, possibilitam cercar mais facilmente o cardume. Nestes trechos as águas são sempre mais calmas e oferecem facilidades no tocante ao uso das embarcações”* (p.169).

Citando ainda Gaspar (1996) *“É possível considerar que os elementos que tiveram peso significativo na escolha de locais para a ocupação foram a presença de ambientes que pudessem fornecer moluscos em abundância e peixe, ou seja, os grandes corpos de água, especialmente o mar. Devido à grande importância deste ambiente, não parece coerente a ocupação de áreas um pouco mais interioranas”*

De acordo com Figuti (1993), *“O papel dos fatores naturais parece ser o mais importante na escolha da área de implantação de um sítio, sobretudo em regiões alagadiças. Neste tipo de terreno, as porções bem drenadas e secas podem ditar a forma e a extensão do sítio. “...sendo provavelmente o local de implantação escolhido em função de seus atributos estratégicos em relação ao acesso às fontes de matérias-primas e alimentos” (P.69).*

Segundo Silva (1998), as modificações fisiográficas e ecológicas, sofridas durante o Holoceno, exerceram papel importante na forma e na dinâmica da ocupação da zona litorânea pelo homem. Estas modificações foram fortemente controladas pela variação do nível relativo do mar que, como consequência, provocou o deslocamento das comunidades litorâneas para o interior do continente, em busca de melhores condições de ocupação, visto que a zona costeira encontrava-se submersa.

Segundo Bittencourt et al (1979), estudos realizados na costa brasileira mostraram que no decorrer do Quaternário, a mesma esteve submetida a importantes variações do nível relativo do mar, tendo sido identificadas duas fases de níveis mais altos do que o atual: o primeiro, atingiu 8 ± 2 metros por volta de 120.000 anos AP; o segundo nível marinho atingiu $5 \pm 0,5$ metros por volta de 5.100 anos AP. Estes dois episódios deixaram abundantes registros que puderam ser reconhecidos ao longo da costa brasileira e datados por métodos radiométricos e foram respectivamente denominados de Penúltima e Última Transgressão.

Nos últimos 25 anos foram estabelecidas curvas de variação do nível relativo do mar para diversos setores da costa leste brasileira durante o Quaternário: Martin et al. (1980a e 1980b), Martin et al. (1981), Martin et al. (1985), Suguio et al. (1979), Bittencourt et al. (1979), Bittencourt et al. (1982). Como indicadores de níveis de mar pretéritos foram utilizadas: (i) algas calcárias, (ii) arenitos de praia, (iii) sambaquis, (iv) incrustações de gastrópodes vermetídeos, (v) terraços de cordões litorâneos, (vi) corais, (vii) sedimentos lagunares.

Estas curvas mostraram que a partir do máximo da Última Transgressão, o nível do mar sofreu um abaixamento até atingir a posição atual. Este abaixamento não foi uniforme, mas interrompida por oscilações de alta frequência (Barbosa et al. 1986a; Bittencourt et al, 1979; Bittencourt et al. 1983a; Dominguez et al. 1981; Dominguez, 1983; Dominguez et al. 1983; Dominguez, 1987; Dominguez et al. 1987; Dominguez, 1990; Dominguez et al. 1990; Dominguez; Wanless, 1991; Dominguez et al. 1992; Flexor et al. 1984; Martin et al, 1979; Martin et al. 1984; Martin et al. 1987; Dominguez; Wanless, 1991; Martin et al. 1991; Martin et al. 1993; Suguio; Tessler, 1984; Suguio et al. 1985; Suguio; Martin, 1990.

Dominguez et al. (1990), através de datações radiométricas em amostras de vermetídeos, corais, arenitos de praia, algas coralinas e depósitos paleolagunares, confirmaram a existência de níveis marinhos holocênicos elevados na costa pernambucana e apresentaram um esboço de curva de variação do nível relativo do mar para esta região, que segue em linhas gerais as mesmas tendências de variação do nível relativo do mar apresentado na fig. 01.

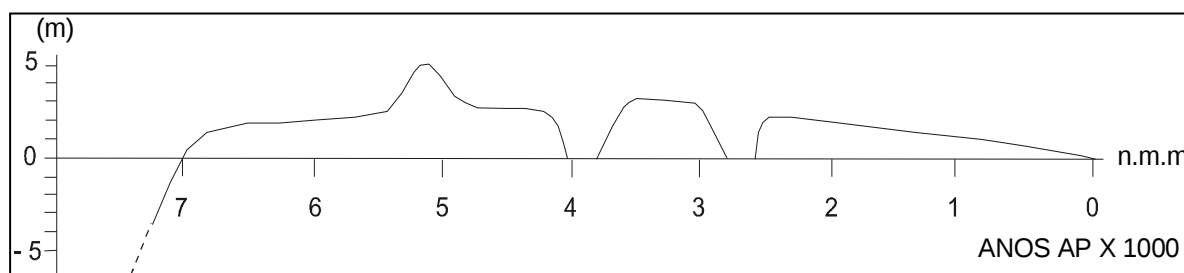


Figura 01. Curva de variações do nível relativo do mar para os últimos 7.000 anos para a região de Salvador (BA) (Martin et al. 1979).

Para o Estado da Paraíba, embora não tenha sido construída uma curva de variações do nível relativo do mar, admite-se, a partir das informações disponíveis para os Estados vizinhos que a história das variações do nível relativo do mar foi, de uma maneira geral, semelhante àquela verificada para a costa leste do Brasil.

ESTÁGIO 1: DEPOSIÇÃO DO GRUPO BARREIRAS / TRANSGRESSÃO MAIS ANTIGA

Este modelo se inicia com a deposição de clásticos terrígenos do Grupo Barreiras que aconteceu no final do Plioceno. Sua área de deposição de estendeu até a atual plataforma continental submersa, conforme Alves; Costa (1986). A deposição desta unidade litoestratigráfica se deu sob a forma de leques aluviais proximais e de depósitos fluviais de canais entrelaçados.

As variações do nível relativo do mar durante o Quaternário, particularmente os episódios de abaixamento do nível relativo do mar resultaram na instalação de uma rede de drenagem que diseca os depósitos do Grupo Barreiras, que são hoje cortados por grandes vales, com paredes relativamente íngremes e fundo chato, ocupados por terras úmidas e separados por interflúvios planos, como os rios Paraíba, Gramame e Camaratuba. Muitos destes grandes vales são controlados por falhas evidenciando uma atividade neotectônica.

(rios Miriri, Mamanguape). Durante os episódios de nível de mar alto, as ondas esculpiram e fizeram recuar uma linha de falésias na porção mais externa do Grupo Barreiras.

Destes episódios de nível de mar alto, a Transgressão Mais Antiga é o evento mais antigo que deixou registros ainda preservados na planície costeira na forma de uma linha de falésias inativas, que delimita o contato entre o Grupo Barreiras e a planície quaternária. Após o máximo da Transgressão Mais Antiga, condições climáticas mais áridas favoreceram a deposição de leques aluviais pleistocênicos no sopé das falésias mencionadas acima, como também entalharam os vales esculpidos no Grupo Barreiras.

ESTÁGIO 2: PENÚLTIMA TRANSGRESSÃO

No máximo da Penúltima Transgressão que ocorreu por volta de 120.000 anos AP, o nível do mar posicionou-se cerca de 8 ± 2 m acima do nível atual. O mar fez mais uma vez recuar, em alguns trechos, a linha de falésias esculpida nos sedimentos do Grupo Barreiras por ocasião da Transgressão Mais Antiga. Paralelamente os vales fluviais foram afogados, contribuindo decisivamente para a formação de estuários e lagunas. O retorno a condições climáticas úmidas, acompanhado de uma elevação do nível do mar, provocou uma erosão parcial dos depósitos de leques aluviais pleistocênicos.

Durante e logo após o máximo da Penúltima Transgressão a linha de costa experimentou progradação localizada, dando origem aos depósitos de areias litorâneas regressivas, ou terraços marinhos pleistocênicos. Estes terraços estão presentes principalmente no setor norte, nas planícies vizinhas aos rios Mamanguape e Paraíba.

ESTÁGIO 3: ÚLTIMA TRANSGRESSÃO

A partir de 16.000 anos AP., com a subida do nível do mar, os terraços marinhos pleistocênicos depositados anteriormente foram parcialmente erodidos pelo mar, em vários locais, chegando a retrabalhar mais uma vez as falésias esculpidas no Grupo Barreiras. Na parte final desse evento transgressivo, que culminou em torno de 5.100 anos AP, quando o nível do mar foi superior ao nível atual de 4 a 5m, a parte inferior dos rios foi afogada pela última vez e deu origem a uma série de estuários e corpos lagunares. A inundação da plataforma continental possibilitou ainda o crescimento dos recifes de algas e corais aproveitando os substratos duros disponíveis.

Após 5.100 anos AP o abaixamento do nível do mar deu forma final ao modelamento da costa. Assim, durante essa fase, foram construídos os terraços marinhos holocênicos

(depósitos de areias litorâneas regressivas), favorecendo a progradação da linha de costa. Estes terraços ocorrem em praticamente todo o litoral, sendo as melhores exposições na Barra de Mamanguape, Ponta de Lucena, Cabedelo, Ponta de Coqueiro e Ponta de Pitimbú. Os estuários foram pouco a pouco assoreados pelos sedimentos, sendo colmatados e evoluindo para terras úmidas.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é tentar, com base nas características dos pescadores, caçadores e coletores obtidos na literatura, identificar as áreas favoráveis ao assentamento destas populações no litoral paraibano, tendo como ponto principal a captação de recursos tais como: alimentos, água doce e matéria prima para a confecção de artefatos. O objetivo específico é mapear as áreas com probabilidade de serem encontrados sítios arqueológicos do tipo sambaqui.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho baseou-se principalmente em levantamentos e análises de textos e documentos acerca das ocupações humanas, fauna e flora preexistente no litoral paraibano, bem como sobre as características dos sambaquis e observações de campo. Isto permitiu identificar as áreas em que ocorrem ou ocorreram no passado fontes de água doce, fontes de recursos alimentares e fontes de matéria-prima com condições favoráveis à ocupação dos sambaquieiros no litoral da Paraíba.

Os dados obtidos a partir desta análise foram confrontados com o que se encontrou acerca dos sambaquis, para depois mapear as áreas com probabilidade de serem encontrados tais sítios.

OCUPAÇÃO DO LITORAL PARAIBANO

Apesar das zonas costeiras apresentarem condições favoráveis para o desenvolvimento de sítios arqueológicos do tipo sambaqui, muito pouco se sabe sobre as ocupações pré-históricas no litoral nordestino. São citados apenas alguns poucos sítios no Maranhão, Rio Grande do Norte e no Recôncavo Baiano (Martin, 1997).

Registros da ocupação no litoral paraibano por pescadores, coletores e caçadores podem ser encontrados em documentos históricos escrito pelo Jesuíta Cristóvão Ganvia, em 1583/1587 e em trabalhos de Almeida (1987); Joffily (1883); Herckmans (1639), que fazem

menção aos índios da nação Tupy (Tabajaras e Potiguaras), que ocupavam todo o litoral paraibano, assim distribuídos: **Tabajaras**, oriundos do São Francisco. Habitavam a região ao sul do rio Paraíba; **Potiguaras**, litoral do Rio Grande do Norte e acima do Rio Paraíba, principalmente ao longo do Rio Mamanguape e serra da Cupaoba; **Aldeias principais**, **Urutagi** (Alhandra); **Jacoca** (Conde); **Preguiça e Monte-mor** (Mamanguape); **Acejutebiró** (Baía da Traição); **Piragibe** (João Pessoa); **Tibiri** (Santa Rita), **Pindaúna** (Gramame).

Os Tabajaras eram assim citados por Joffily (1883) *“O seu nome indica que tinham vida sedentária, isto é, viviam reunidos em tabas ou aldeãs; e eram de costumes dóceis. A aliança que firmaram com os portugueses foi de grande proveito a estes; porque por diversas vezes salvaram os seus nascentes estabelecimentos de Igarassú e Olinda da fúria dos Cahetés, indomáveis antropófagos. Todas as aldeãs, estabelecidas ao sul do Cabo Branco, foram de indígenas dessa tribo; devendo a elles sua existência as villas do Conde ou Jacóca e Alhandra e povoações de Taquara e outras”*.

Os Potiguaras eram assim citados pelo mesmo autor: *“De Potyguaras eram os diversos aldeamentos estabelecidos antes da invasão hollandeza, ás margens dos rios Mamanguape e Camaratuba e na Bahia de Traição, dos quaes desaparecerão uns, e outros servirão de nucleos ás actuais cidades de Mamanguape e villa Bahia da Traição, onde ainda hoje se vê prevalecendo o seu sangue na maioria da população”*.

Segundo ainda este autor *“Os indígenas da Parahyba, estavam na idade da pedra polida; os tupys eram pescadores...os seus machados de sílex (pedras de corisco, como chama actualmente o povo), variados e bem trabalhados...;...os seus productos de ceramica e tecidos de caruá são uma prova de que os seus conhecimentos industriaes já tinham sahido dos primeiros rudimentos. Entre os diversos artefactos de padra e argilla, parecendo destinado a adorno, que temos colligido, existyem alguns, que semelham –muyrakitans – segundo o juízo que formamos do que sobre elles tem escripto...”*.

Segundo relato de Américo Vespúcio, apud Almeida (1987) os índios que habitavam o litoral paraibano praticavam o canibalismo, assim descrito: *“...fugiram todos para o monte, onde já estavam as mulheres despedaçando o cristão e assando-o numa fogueira que tinham acendido, mostrando-nos os seus membros decepados e devorando-os, ...”* Não se sabe se estes índios eram Tabajaras ou Potiguaras.

O trecho do documento que se segue é cópia fiel ipsis littera do original que se acha arquivado na Torre do Tombo, em Portugal, escrito pelo padre jesuíta Chhristóvão de Ganvia, visitador da Cia. De Jesus de toda a Província do Brasil, a partir de 1583 até 1587:

“...são mui dados a feitiços e o feiticeiro que há em cada Aldeã he o seu oráculo tem muita comonicação com o demônio e acontese-lhes com elle muitas couzas graciosas e as vezes espantosas”.

De acordo com o trabalho de Herckmans (1639) o litoral paraibano possuía uma grande quantidade de lagoas e rios, todos perenes e navegáveis. A maioria atualmente encontra-se secos ou colmatados. Como principais bacias hidrográficas do litoral temos o rio Paraíba do Norte, Mamanguape, Gramame e Abiaí.

Partindo-se do sul em direção ao norte, estava assim descrita a hidrografia do litoral da Paraíba:

“O rio Taperubus separa a Capitania da Paraíba da de Goiana; para baixo confunde-se com o rio Papoca. Não é povoado. Diz-se que nos tempos antigos, não longe do lugar onde o caminho passa nesse rio, houve algumas casas de índios, as quais foram abandonadas...”

“...Quatro ou cinco léguas desta baía para o norte se acha o Cabo Branco; é uma ponta que se faz muito branca a quem vem do mar, e por isso se chama. Daí até o Cabedelo ou barra do Paraíba se contam diretamente quatro léguas pelo mar, mas por terra contam-se seguramente seis por causa da grande curva que faz a costa, a modo de neia-lua. Foi nesta curva que fundeou a armada holandeza”.

“O rio Paraíba tem na entrada uma ponta chamada Cabedelo...O rio Paraíba é aí bastante largo”.

“Do Cabedelo para além da barra do Paraíba está Ponta de Lucena; a direção é através dos baixios uma grande légua para o noroeste. Esta ponta é muito proeminente; ao norte dela sai no mar um desaguedouro”.

“O rio Miriri vem de muito dentro do sertão, mas é pouco habitado. O Miriri é alimentado por vários rios pequenos, entre outros o Jacuípe, que corre junto a ele e nele desemboca; No Miriri e em distância de três léguas da costa havia uma aldeia com o mesmo nome, mas está em ruínas”.

“Ao norte de Miriri, antes de chegar-se ao rio Mongougoapi se encontra uma grande lagoa, a qual não começa longe da praia, e se prolonga em geral do oriente para o ocidente com a extensão de duas léguas. Chama-se lagoa Piabaí. Tem ao norte um desaguedouro ou estreito, por onde corre o rio Mongougoape: do lado do ocidente vem do interior a esta lagoa

um escoadouro que não começa a mais de uma légua acima dela, chamado Coroa Pasema. É um Paul que por sua forma semelha um rio”.

“Depois do Paraíba, o Mongougoape é o maior rio da Capitania; sai ao mar por duas bocas, fazendo no meio uma ilha que se chama dos Mangues pelos muitos que aí existem”.

“Defronte da boca do Pirpirituba, à margem meridional do Mangougoape, demora uma lagoa chamada Aniga. Desta lagoa, cerca de três quartos de léguas diretas ao oriente fica outra chamada Jacaremiri. Um quarto de légua do Jacaremiri ao sudoeste fica a lagoa Potituba. Três léguas ao noroeste da foz do Pirpirituba há uma grande lagoa que chama-se Tamuatumeri. Rio Mangougoape acima, duas léguas ao sudoeste e este e ao oés-sudoeste da boca do Pirpirituba há uma outra lagoa chamada Sarapoi. Ao Noroeste, três léguas e meia da boca do rio Itapororoca, fica uma lagoa chamada Popiri”

“Da ilha das Monguas ou boca do Mangougoape seguem-se duas léguas no noroeste até a Baía da Traição. É uma larga e mui grande baía, onde se acharia abrigo uma armada tão poderosa como a que presentemente se poderia equipar (na Holanda) para sair ao mar”.

“Um pouco ao norte da Baía da Traição sai ao mar o rio Camaratuba, prolongando-se pelo interior, como o Mangougoape, geralmente ao nordeste e ao sudeste. Uma légua acima vem do sul um pequeno rio chamado Taipitina meter-se no Camaratuba....uma légua entre as campinas ou terras altas, fica o rio Ipitanga que corre entre os montes. Cerca de uma légua e meia abaixo confunde-se este rio com o Camaratuba. As suas águas parecem avermelhadas, donde procede o nome que tem...”

“Uma légua ao noroeste do passo ou caminho do Ipitanga, além das campinas ou tabuleiros, fica o rio Erioene, palavra que em língua brasílica significa mel preto.” O rio Erioene mistura-se na praia com um outro pequeno chamado Wasju, desemboca no mar ao sul da Baía Formosa ea duas léguas do Camaratuba”.

Referindo-se à fauna do litoral paraibano cito Joffily (1883). *“Entre os mamíferos conta três qualidades de jaguares ou onças, preta, pintada e vermelha ou suçuarana; maracajá, duas espécies de outros gatos silvestres; duas de veados, garapú e capoeiro, quatro de tatus: verdadeiro, china, bóia e peba; caitetéus, capivara, preguiça, tamanduá, coelho, mocó, paca, cotia, coaty, guaxini, preá, punaré, raposa, maritaca ou gambá, macaco, sagüi, etc.”*

Citando Herckmans (1693) *“além de toda essa uberdade das terras e campos, é esta capitania provida de toda a sorte de quadrúpedes que servem assim para mantimentos, como para trabalho agrícola...”*

Segundo Almeida (1987) os Potiguaras da Paraíba praticavam agricultura, não muito atrasada. Cultivavam mandioca, o aipim ou macaxeira, o milho, o ananás e ainda o fumo e o algodão. De frutos silvestres tinham como principais deles caju, goiaba, araçá, jenipapo, umbu, pitomba, jabuticaba, araticum, pacova, mangaba, maracujá e os diversos cocos de palmeira, como macaúba, pindoba e catolé. De tudo isso se nutria o indígena, mas a base da alimentação estava na caça, na pesca e na farinha de mandioca.

Pescavam com anzol, feito de osso, a que davam o nome de pindá, com puçá ou jereré, que era uma rede de tucum para peixe miúdos, com disparos de flechas. Mas o processo mais usado era embebedar os peixes dos rios com as plantas de tingui ou timbó. Cada aldeia comportava algumas dezenas de famílias e não era grande a distância de uma para outra.

Segundo relato de Américo Vespúcio, apud Almeida (1966) os índios que habitavam o litoral paraibano praticavam o canibalismo, assim descrito: “...*fugiram todos para o monte, onde já estavam as mulheres despedaçando o cristão e assando-o numa fogueira que tinham acendido, mostrando-nos os seus membros decepados e devorando-os, ...*” Não se sabe se estes índios eram Tabajaras ou Potiguaras.

Atualmente existem duas reservas indígenas na zona costeira paraibana: (SUDEMA, 1996), Reserva indígena dos Pitoguaras, situadas nos municípios de Rio Tinto e Baía da Traição, que abrange uma área total de 21.238 há; reserva indígena Jacaré de São Domingos, situada no município de Rio Tinto, abriga aldeias da tribo Potiguaras, com uma área de 5.032 ha.

Em nenhuma obra consultada foi mencionado os sambaquis no estado da Paraíba. Mas é provável que nos locais onde estavam fixados os índios, pudessem ser encontrados tais vestígios. Nenhuma pesquisa neste sentido foi desenvolvida.

CONCLUSÃO

Pelo que foi pesquisado pode-se deduzir que:

1. A análise do litoral paraibano indica que, o entorno dos estuários dos rios Paraíba do Norte, Mamanguape, Gramame e Abiaí estavam numa posição estratégica que garantia acesso aos diferentes ecossistemas sem que para isso os grupos tivessem que percorrer grandes distâncias;
2. A partir da caracterização ambiental ficou constatada a proximidade de mais de um ambiente (mar, rios, brejos, lagoas, restingas, manguezais e florestas) que poderiam ser facilmente explorados;

3. As principais atividades dos indígenas que ocuparam o litoral paraibano eram a pesca, coleta de molusco e vegetais, caça e confecção de artefatos de pedra e argila, que provavelmente foram herdados dos antepassados. Para fortalecer tal hipótese cito Ganvia (1583/87)...”*que entrão no Rio que nelle se metem que são muitos e proveitosos por abundarem de muitos pescados e mariscos com outras terras para canas, mantimentos, pastos e lenha que só as dos mangues as fazem infinitas...Os seus machados de sílex (pedras de corisco, como chama actualmente o povo), variados e bem trabalhados...*;
4. Os ambientes de florestas estavam disponíveis em toda a faixa litorânea, o que beneficiava a obtenção da caça, que era abundante;
5. Os elementos significativos na escolha dos assentamentos humanos, tais como ambientes com grande abundância de moluscos e peixes eram comuns no litoral paraibano;
6. O litoral paraibano é em quase toda sua extensão dominado por falésias, que se destacam na paisagem e poderiam ter servido como ponto de observação do entorno e controle do ambiente, especialmente no que se refere ao mar e aos rios. Pode-se atestar isso no relato de Américo Vespúcio no seu *Mundus Novus* e *Lettera*, in Almeida (1987)...”*Avistamos no cume de um monte gente que contemplava, sem ousar descer. Estava nua e era da mesma cor e porte que a outra passada...*”

No litoral sul há um concheiro (ainda não estudado), que se encontra na margem direita da desembocadura do rio Abiaí. O local atualmente é habitado por pescadores e está a uma altura de mais ou menos 2 metros acima do nível atual das marés, capeando um arenito e recoberto por sedimentos arenosos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, H. 1987. O Elemento Humano – Indígenas Paraibanos: Potiguaras, Tabajaras, Cariris. Capítulos de História da Paraíba. Campina Grande, ed. Grafset, 74-84p.
- FIGUTI, L. 1993. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, São Paulo, v. 3, p. 67-80.
- GASPAR, M.D. 1995. Espaço, rito e identidade pré-histórica. *Revista de Arqueologia*, v. 8, n. 2, p. 221-237.

GANVIA, C. 1996. Sumario das Armadas que si fizerão e guerras que se derão na conquista do Rio Parahyba. **Municípios em Destaque**, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 69, p.17-20 e p.51-60

(Edição Especial: João Pessoa - PB).

HERKMAN, E. 1639. Descrição Geral da Capitania da Paraíba. A União Cia. Editora – João Pessoa

JOFFILY, I. 1883. Origens. Notas sobre a Parahyba. Livro I. Brasília, Thesaurus Editora, 103-158p.